

Expectativas elevadas

RUI LEÃO MARTINHO

DIRECTOR

Chegamos ao fim de 2017 e, sem ser propriamente um balanço, é altura de olharmos para os últimos doze meses e avaliarmos, quer no que se refere a Portugal, quer internacionalmente, como decorreu este período e o que de mais relevante se passou.

Em termos nacionais, a estabilidade política é de assinalar, embora com factos muito dramáticos derivados dos fogos e da perda de muitas vidas humanas, que foi garantida sobretudo pela actuação do Presidente da República, que é um humanista e tem sentido de Estado.

Economicamente, Portugal saiu do procedimento de défices excessivos, corrigiu um pouco mais o défice nominal, desceu a despesa pública, manteve um bom ritmo de exportações (espera-se um aumento de 9,6%), continuou a assistir a um significativo aumento das receitas do turismo e confirmou-se a persistente descida do desemprego (9,4% do PIB).

Porém, estes bons sinais não nos devem fazer esquecer que o nosso país mantém uma dívida pública de mais de 120% do PIB, que a redução do défice estrutural continua por fazer, que se continua a não dar a devida importância à demografia que é um preocupante factor que condiciona o crescimento, que não são criados verdadeiros incentivos à poupança, quer de famílias, quer de empresas, que as reformas do Estado ou da Segurança Social continuam por consensualizar e serem realizadas para que Portugal, beneficiando neste momento de uma conjuntura excepcionalmente favorável, consiga ultrapassar definitivamente este ciclo de crises regulares e se torne um país mais competitivo e com um crescimento regular e sustentado da sua economia.

No último relatório do World Economic Forum, Portugal situa-se no 38.º lugar entre 140 países, o que evidencia que temos ainda muito trabalho a fazer para estarmos entre as nações mais competitivas do mundo. E as preocupações que acima são referidas estão entre as tarefas principais a desenvolver.

Portugal, mesmo sendo já hoje reconhecido como o terceiro país mais pacífico do mundo ou como o melhor país europeu para ser visitado (USA Today), deverá ambicionar crescer economicamente com sustentabilidade, tornar-se destino preferencial para investimentos produtivos, garantir pela criação de riqueza a manutenção sem sobressaltos do Estado Social.

Integrado na União Europeia e membro desde a primeira hora da Zona Euro, Portugal tem beneficiado ao longo de decénios de solidariedade e subsidiariedade por parte da Europa e deve procurar melhorar a sua situação económica e social de forma a ser cada vez mais um parceiro europeu estável e influente. Claro que sem descurar a sua vocação universalista, tanto nas ligações e relações com os países de língua portuguesa, como com países dos restantes continentes.

Fora da Europa, a imprevisibilidade da política norte-americana, a ameaça nuclear norte-coreana e a guerra da Síria, aliadas ao terrorismo, criam nuvens que devem ser acompanhadas cuidadosamente.

Vamos entrar em 2018 com expectativas elevadas. Esperemos que as estabilidades política, social e laboral se mantenham, que seja clara a necessidade de, sem delongas, procedermos às transformações e reformas necessárias para que a situação actual seja melhorada, sustentável e propulsora do crescimento de que Portugal precisa. ><